

EDITORIAL

É com muita alegria que estamos a apresentar mais um número da nossa Revista, o número 16. Queremos agradecer a toda a comunidade académico-científica do ISPSN pelo seu incansável envolvimento. Aos nossos amigos e parceiros nacionais e internacionais. Este ano o ISPSN realizou 27 actividades, entre elas, aulas magnas e simpósios, algumas delas puderam contar com figuras internacionais e nacionais: José Pedro Serra (FLUL), Sérgio Sardi (PUCRS), Olívia Carvalho (UPT), Maria Helena Camara Bastos (PUCRS), Elísio Macamo (UNI BASEL), Paulo Renato C. Jesus (FLUL) Bettina Steren dos Santos (PUCRS), Priscila Kohls dos Santos (UCB), Cláudio Delanoy (PUCRS), Pedro Cassiano Catchitole (ISPSN), Tuca Manuel (UKB), Alfredo Chimbinda (ISCED-HUAMBO), Francisca Martins (ISCED-HUAMBO), José Cláudio Zeferino (ISPSN), Lucas Piedade Cassinda (ISPSN), Adelino Sandjombe (ISPSN), Azevedo Cambuta (ISPSN), Júlio Neto (ISPSN), Venceslau Cacesse (ISPSN) Carlos Pacatolo (ISP JEAN PIAGET DE BENGUELA) e Celestino Piedade Chiquela do Gabinete Provincial da Educação entre outros.

Todo este grupo e não só contribui neste nosso espaço habitual onde o desejo de saber nos empurra sempre para duvidar do que já sabemos no sentido de tentar melhorá-lo, inová-lo e em último caso, estar arrependido com o que até agora tínhamos pensado saber, para poder construir um saber novo, porque isso permite-nos olhar para trás e perguntar sobre o nível e a qualidade da nossa investigação e do nosso ensino.

Como qualquer académico sério, temos noção de que não pode haver verdadeiramente um ensino de qualidade, sem uma aposta séria na investigação. De modo que, é não só o dever da instituição, mas sobretudo do docente, olhar para a investigação como a sua principal ferramenta para a sua boa profissionalização. Quanto maior for o nosso tempo na investigação, melhor será o nosso trabalho como docente, melhor será o nosso trabalho como escritores académico-científicos e melhor será o nosso impacto junto dos nossos pares. Por isso, pensamos que devemos investigar, não para impressionar alguém, mas para responder ao compromisso da profissionalização. O bom profissional não é aquele que tem êxitos, não é aquele que tem fama ou que se tornou rico graças à sua profissão, mas é aquele que com êxitos ou sem êxitos, com riqueza ou sem ela, compromete-se a trabalhar com

honestidade, com a dedicação e com o altruísmo para o bem da sua escolha profissional no sentido holístico.

Como sempre, o ISPSN trabalha na transversalidade da sua investigação, procurando assim, envolver os seus mais variados profissionais das diferentes áreas a ter contacto directo com profissionais com maior experiência. É por isso, que para além das aulas, são também organizados os congressos, as conferências e os simpósios entre outras actividades. Este ano o simpósio sobre “A Religião e Saúde Mental” foi a última actividade que realizamos debatendo precisamente a relação entre a religião e a espiritualidade.

Como se sabe, a religião e a espiritualidade, são tão antigas quanto a existência do homem e a ânsia de responder às perguntas que lhe atormentaram. Uma, a religião, apresenta-se “como um sistema de crenças” e outra, a espiritualidade, apresenta-se como a busca pessoal para encontrar respostas sobre as perguntas essenciais da vida. “A religião conduz-nos à adoração a volta dos deuses ou das deidades”, mas a espiritualidade faz-nos colocar perguntas, por exemplo, “sobre o significado da vida”, sobre a nossa relação com o “sagrado”, com o outro ou ainda, com o “transcendente”. A religião não exclui a espiritualidade, aliás, a religião com uma profundidade religiosa, sempre nasce da espiritualidade. Não pode haver uma religião religiosa que não nasça da espiritualidade. A espiritualidade por seu lado alimenta a profundidade da eticidade religiosa. É porque eu sou profundamente religioso que a minha eticidade vai influenciar nas práticas do estabelecimento do acto religioso. O sentimento de culpa por exemplo, antes de ser em relação a Deus, é em relação à minha ética, é em relação às perguntas que faço a mim mesmo, as respostas que dou ao meu enredo e portanto, é em relação à minha espiritualidade e só depois será em relação à religião com a possibilidade de ligar-se a um Deus. Todo este processo conduz a uma possibilidade da cura. A cura através da palavra. A cura através das perguntas da autenticidade de si mesmo. É por ter falado muito bem comigo mesmo que vou poder falar bem com Deus. Como não há um espapo de engano entre eu e eu, então não poderá haver engano entre Deus e eu e se houver, este engano será proporcionado por Deus, mas não por mim. É por isso que eu posso ficar curado sem Deus na prática da minha espiritualidade. Deus é um mero assistente na minha espiritualidade, mas ele é participe na minha religiosidade e é por isso que é mais fácil ficar curado na espiritualidade do que na religiosidade. Na espiritualidade eu me encontro comigo mesmo, com as minhas fúrias, as minhas angústias e com os meus medos. Eu me encontro com tudo

aquilo que sou. Na religiosidade eu me encontro com Deus, mesmo quando o meu desejo é de não encontrá-lo, de não ouvi-lo, de não segui-lo. Se eu disser que sou religioso praticante, então a minha prática não tem como não desembocar-se junto de Deus. Na cura religiosa, Deus é a alternativa. Mas, quer a religião quer a espiritualidade, existem para o bem do homem. Participam na aquisição do bem-estar do homem. Um homem profundamente religioso ou profundamente espiritual é um homem profundamente curado. Talvez por isso Durkheim nos diz que a religião enquanto espiritualidade é uma patologia necessária, isto é, seria bom que cada um de nós se sentisse doente religiosamente, porque a religião permite a existência da comunidade, permite a aproximação, portanto, permite uma cura colectiva. Vamos continuar a contar com todos, para “continuar” a fazer do ISPSN, uma instituição de referência na docência e na investigação nesta zona planáltica do País.

Inácio Valentim